

LÉON METCHNIKOFF E A CONSTRUÇÃO DE UM MODELO EVOLUTIVO DO MEIO GEOGRÁFICO: OS GRANDES RIOS HISTÓRICOS¹

LÉON METCHNIKOFF Y LA CONSTRUCCIÓN DE UN MODELO EVOLUTIVO DEL MEDIO GEOGRÁFICO: LOS GRANDES RÍOS HISTÓRICOS

LÉON METCHNIKOFF AND THE BUILDING OF A GEOGRAPHICAL EVOLUTIONARY MODEL: THE GREAT HISTORICAL RIVERS

RESUMO

Este artigo, que tem como método a abordagem contextual, analisa a obra *La Civilisation et les grands fleuves historiques* do geógrafo anarquista Léon Metchnikoff, que propõe um modelo geográfico e histórico de interpretação da evolução humana. Baseado em pressupostos teóricos claros, muitos dos quais são comuns a É. Reclus e P. Kropotkin, Metchnikoff divide seu modelo interpretativo em três grandes fases evolutivas. A análise busca elucidar tais pressupostos, bem como as três etapas de sua teoria. Este estudo se justifica pelo impacto de *Civilisation* nas ciências humanas, sua orientação fraterna e para questionar interpretações que reafirmam a geografia como uma ciência eminentemente empírica. Como resultado, se identifica o desenvolvimento de uma geografia questionadora dos sentidos comuns da época, notadamente, das visões europeias sobre o Oriente.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia; Anarquismo; Léon Metchnikoff; Teoria Geográfica.

RESUMEN

Este artículo, que utiliza el enfoque contextual como método, analiza el libro *La Civilisation et les grands fleuves historiques* escrito por el geógrafo anarquista Léon Metchnikoff, que propone un modelo geográfico e histórico de interpretación para la evolución humana. Basado en supuestos teóricos específicos, muchos de los cuales son comunes a É. Reclus y P. Kropotkin, Metchnikoff divide su modelo interpretativo en tres fases evolutivas principales. El análisis busca dilucidar sus declaraciones metodológicas, así como las tres etapas de su teoría. Lo estudio se justifica por el impacto de *La Civilisation* en las ciencias humanas, su naturaleza fraternal y crítica de las interpretaciones que reafirman la geografía como una ciencia eminentemente empírica. Como resultado, se identifica el desarrollo de una geografía cuestionadora de los sentidos comunes de la época, en particular de las opiniones europeas acerca del

1. O autor agradece a Federico Ferretti, Sergio Nunes, Rafael Gomes e Lucas Hanada Viotto.

BRENO VIOTTO PEDROSA

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

brenoviotto@hotmail.com

Artigo recebido em:

02/07/2020

Artigo aprovado em:

24/03/2021

Oriente.

PALABRAS-CLAVE: Geografia; Anarquismo; Léon Metchnikoff; Teoria Geográfica.

ABSTRACT

This article, which takes a contextual approach as a method, analyzes the book *La Civilisation et les grands fleuves historiques* written by the anarchist geographer Léon Metchnikoff, which proposes a geographical and historical model of interpretation for the human evolution. Based on clear theoretical assumptions, many of which are common to É. Reclus and P. Kropotkin, Metchnikoff divides his interpretive model into three major evolutionary stages. The analysis aims to elucidate his methodological statements, as well as the three stages of his theory. This study is justified by the impact of *Civilisation* on the human sciences, its fraternal nature and to question the interpretations that reaffirm geography as an eminently empirical science. As a result, one can identify the development of a geography capable to problematizing common senses of the time, notably European views on the East.

KEYWORDS: Geography; Anarchism; Léon Metchnikoff; Geographical Theory.

INTRODUÇÃO

Na busca genealógica para constituir as ideias que inspiraram o livro *O Despotismo Oriental* de Karl A. Wittfogel e o imaginário geográfico do início do século XX acerca do Oriente, salta aos olhos a influência de Léon Metchnikoff (1838-1888), um geógrafo anarquista especialista nas regiões do extremo oriente ligado a É. Reclus (1830-1905). Neste artigo, analisamos o pensamento de Metchnikoff em sua obra póstuma intitulada *La Civilisation et les grands fleuves historiques*, de 1889, livro inacabado que foi organizado e prefaciado por Reclus, sendo publicado pela editora Hachette, mesma casa editorial que divulgou boa parte da obra do geógrafo francês.

O estudo da obra de Met-

chnikoff se justifica pela sua proposta inovadora: um modelo histórico-geográfico de evolução da relação entre o homem e a natureza. Sua tese busca explicar, mais precisamente, como e onde surgem os primeiros impérios e como sua expansão articula meios, territórios, povos e culturas, desembocando, por fim, em um mundo interrelacionado do ponto de vista social. Assim, a análise de sua proposição demonstra pelo menos dois fatos:

(1) Ao contrário do que afirma parte da literatura sobre história da geografia, é possível encontrar um grande modelo interpretativo proposto por Metchnikoff com base nas contribuições de Carl Ritter. Os manuais de história da ge-



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

JANEIRO - JUNHO, 2021
ISSN 2175-3709

2. CLAPARÈDE, A. de. *La civilisation et les grands fleuves historiques*, par Léon Metchnikoff, avec une préface de M. Élisée Reclus in *Globe*. *Revue genevoise de géographie*, n. 29, p. 127-28, 1890.

ografia – como Claval (2011), por exemplo – enfatizam o empirismo de nossa disciplina e privilegiam aqueles autores que propuseram modelos posteriormente revalorizados pelo campo acadêmico da geografia, como os de Von Thünen e Walter Christaller. Apesar de ser uma figura de suma importância no círculo de Reclus, participar de sociedades geográficas e ter tido sua obra resenhada pela *Revue genevoise de géographie*², o impacto de *La Civilisation* foi relativamente limitado no campo da geografia acadêmica. Contudo, seu livro chama a atenção, por exemplo, do marxista russo G. Plekhânov, que lhe dedica uma resenha bem como escreve o obitúário de Metchnikoff (PLEKHÂNNOV, 1923; PLEKHÂNNOV, 1891). De acordo com Konishi (2013, p. 70), *La Civilisation* teve sua publicação proibida na Rússia, mas foi muito lido em uma época de crise do Populismo Russo, quando o movimento se dividiu em vários grupos, alguns dos quais se aproximaram do marxismo. Ressalta-se ainda que *La Civilisation...* foi lido e citado por autores como Euclides da Cunha (2000, p. 119), Walter Benjamin (1968, p. 123) e ainda por V. A. Anuchin (1977), importante teórico da geografia russa.

(2) A análise do livro permite problematizar o que foi posto por Bruno Latour em ensaio sobre a epistemologia do pensamento científico. Latour (1994) defende que a ciência e o pensamento moderno basicamente operam por um processo denominado Purificação, que

consiste em separar natureza e cultura, o que, no seu ponto de vista, seria uma artificialidade, uma vez que na realidade ambos os elementos são inseparáveis. Metchnikoff prova o contrário, ou seja, existem propostas modernas de ciência que analisam cultura e natureza de forma sincrônica e inseparável. Tomando o meio como categoria privilegiada, Metchnikoff analisa a evolução social e, também, as mudanças naturais que catalisam ou atrasam as transformações humanas. Fortemente inspirado pelo positivismo de H. Spencer, bem como na mistura de darwinismo e lamarkismo comum à rede de Reclus e de P. Kropotkin (1842-1921), Metchnikoff reafirma o sentido teleológico da história, que a seu ver, caminha para o triunfo do Anarquismo, para a dissolução do Estado e para o reconhecimento da cooperação como parâmetro hegemônico das relações humanas. Sua proposta imbricada de análise da humanidade-natureza pode ser comparada às obras contemporâneas, como a de Whatmore (2002), que aspira à formulação de geografias híbridas.

Sendo assim, nosso objetivo é expor e analisar o modelo proposto por Metchnikoff, o que exige uma análise interna de *La Civilisation*, sem que se ignore o contexto em que a obra foi produzida. Assim, nos valem da abordagem contextual proposta por Berdoulay (2003) que defende que o escrutínio das obras e dos autores deve remeter a um re-

corrido do contexto histórico e social, bem como das influências intelectuais. Nesse sentido, como demonstrou Ferretti (2007; 2011), Metchnikoff era um dos pensadores fundamentais da rede de colaboradores de É. Reclus, autor independente que conseguiu ocupar um espaço no campo da geografia acadêmica mobilizando um grupo e uma agenda de pesquisa cuja principal contribuição é a *Nova Geografia Universal*. Metchnikoff assim como outros membros da rede reclusiana compartilhavam de métodos, temas, abordagens e uma militância política que apoiava ao mesmo tempo a luta social, a perspectiva política anarquista e o anseio em popularizar a ciência.

Além disso, P. Bourdieu é uma segunda referência que embasa nossa análise, uma vez que Reclus, Metchnikoff e Kropotkin possuem um *habitus* em comum (BOURDIEU, 2001, p. 67-91), ou seja, compartilham de visões teóricas e práticas sobre o campo da geografia e também sobre a luta social. Nesse sentido, longe de ressuscitarmos os mortos para enterrá-los ainda mais fundo, nosso intuito em recuperar a obra de Metchnikoff é nos prestarmos ao que Bourdieu chamou de *reflexividade*, ou seja, a capacidade de compreendermos o processo de formação do campo da geografia, a evolução da disposição do seu capital cultural e os diversos *habitus* de seus membros.

Como será possível verificar mais adiante neste trabalho, Metchnikoff, em plena

era dos Impérios, propõe um modelo de interpretação da história da humanidade que ataca ideias fundamentais para o nacionalismo e o imperialismo dos países europeus como a raça, o determinismo geográfico, o darwinismo social e o eurocentrismo ao defender que a civilização nasce fora da Europa, por exemplo. Uma geografia que não se propõe à guerra e nem é cúmplice do imperialismo, mas que visa despertar consciências à evolução inevitável oriunda da elevação dos níveis de cooperação entre indivíduos e grupos.

Dessa feita, o artigo se inicia com uma exposição da trajetória de Metchnikoff, seguida de uma apreciação dos pressupostos de método compartilhados pela rede de geógrafos anarquistas para finalmente se debruçar sobre o livro *La Civilisation*. Ressalta-se especialmente a análise da China vista como um despotismo de face humanista, com uma evolução e situação geográfica distinta das outras civilizações, para, a seguir, expormos as considerações finais.

A TRAJETÓRIA DE METCHNIKOFF

Metchnikoff nasceu em Kharkiv, hoje Ucrânia, e iniciou seus estudos em medicina. No ano de 1855, teve problemas ao participar de protestos estudantis e, após sua formação inicial na Universidade de São Petersburgo, ele trabalhou por um tempo como dragomano (intérprete nos países orientais) para,

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

3. Essa grafia se refere a outra possibilidade de transliteração de Мечников.

4. Tradução nossa. As demais citações de referências publicadas em língua estrangeira também foram traduzidas

a seguir, deixar a Rússia e se unir à Expedição dos Mil junto a Giuseppe Garibaldi, na Itália, onde sofreu um ferimento grave (PLEKHÂNOV, 1923). Em 1874, foi convidado para ensinar russo em uma escola japonesa, atividade que exerceu atento à Restauração Meiji (1867-1912) que estava em curso.

No período da juventude, nosso autor foi influenciado pelas ideias dos populistas russos e participou de uma rede de jornais ilegais dos *emigrés*, os militantes que haviam se exilado. Metchnikoff colaborou com Aleksandr I. Herzen (1812-1870), o que acaba reforçando sua admiração pela comuna russa e sua dinâmica social. Os camponeses russos apresentavam uma ética rígida devido à situação extrema a que estavam sujeitos, se organizando sob o princípio de que quem não trabalha não come e resguardando desprezo por aqueles que não retiravam seu sustento da terra e tinham a expectativa de lucrar com ela, como os comerciantes, banqueiros, senhores de terra, dentre outros (KRAUSZ, 2017, p. 360). Contudo, a experiência no Japão alterou seu julgamento político:

Embora a comuna russa tenha fornecido uma indicação de desenvolvimento alternativo para o movimento Populista, seria na *Ishin* [Restauração] japonesa, com sua abertura radical à mudança tecnológica e novas ideias do exterior, que Mechnikov³ poderia identificar uma possibilidade universal para o progresso humano do cooperativismo anarquista, transcendendo o provincialismo reivindicado pelos Eslavófilos. Após sua estadia no

Japão, Mechnikov pôde reconhecer as limitações severas da comuna russa como modelo socialista da vida cotidiana. Em 1881, ele criticou a idealização da Rússia contemporânea como um 'Reino bom de comunismo ilimitado' (KONISHI, 2013, p. 36)⁴.

Como destaca Konishi (2013), a Restauração Meiji, no último quartel do século XIX, foi acompanhada pela abertura às ideias estrangeiras e provocou profundas mudanças sociais, como migrações, urbanização e industrialização. Curiosamente, nessa época muitos exilados russos na Sibéria começaram a fugir de seu degredo por uma rota que passava pela China, Japão, Califórnia, nos Estados Unidos, depois para a Costa Leste, chegando à Europa Ocidental. Esse novo percurso recebeu figuras políticas renomadas, como Mikhail Bakunin, e conseqüentemente aumentou a presença de ideias, livros, em suma, da cultura russa no Japão. A própria atuação de L. Metchnikoff como professor de russo em uma escola de línguas estrangeiras é uma demonstração do interesse japonês pela cultura desse país. Segundo Konishi (2013), o resultado de tal relação foi a tradução dos escritores russos, alguns dos quais com grande impacto na vida cultural, como é o caso de Léon Tolstói.

Ao observar *in loco* as conseqüências da Restauração, Metchnikoff notou que, mesmo perante o êxodo rural, os camponeses japoneses contavam com uma rede de apoio mútuo que garantia o funcionamento da vida cotidiana, sem a coor-

denação de um governo insti-
tuído. O autor encontrou asso-
ciações que se formaram entre
os trabalhadores ou os estu-
dantes, por exemplo, oriundos
de uma determinada região,
muitos dos quais deslocados e
enfrentando dificuldades como
a falta de moradia, o desem-
prego e a ausência de suporte
familiar. Metchnikoff interpre-
tou tais redes de sociabilidade
como uma evolução acumula-
tiva da consciência social e in-
telectual (KONISHI, 2013, p.
51). Remontando à Era Toku-
gawa (1603-1868), a evolução
dessa tradição resultava em
aldeias que financiavam o es-
tudo de alguns de seus jovens
de maneira espontânea, o que
fazia contrapeso ao parco pa-
pel do Estado em diminuir os
impactos do crescimento urba-
no e da modernização social.
Assim, a Restauração demons-
trou uma vontade de aprender
com o outro, com o estrangei-
ro, uma modernização rápida,
a seu ver baseada na coopera-
ção para a seleção dos avanços
tecnológicos, científicos e in-
telectuais que mais poderiam
contribuir para aquela socie-
dade. Para Metchnikoff, esse
processo poderia ser modelo
para outras sociedades (KO-
NISHI, 2013, p. 53).

A partir dessa experi-
ência, Metchnikoff elaborou a
concepção de que a ajuda mú-
tua deve ser conscientemente
praticada e que, quanto maior
seu exercício, mais evoluída
é a sociedade. Tal princípio é
importante para seu modelo
interpretativo da história hu-
mana, uma vez que nos pri-
meiros impérios estabelecidos,

como no Egito, a cooperação
não ocorreu de maneira com-
pletamente espontânea, mas
sob a coerção do Estado. Para
Metchnikoff, esse é o nível ci-
vilizacional básico e, portanto,
o mais primitivo, contrastando
com o Japão da Era Meiji.

A viagem ao Japão permitiu
igualmente que Metchnikoff
criticasse algumas posições
de Mikhail Bakunin (1814-
1876) a respeito da revolução
social: ela ocorrerá em função
do avanço cultural e da cons-
ciência social e não a partir
somente da mobilização das
massas, ou ainda de condições
históricas e materiais, como
coloca Marx (KONISHI,
2013, p. 59). Da mesma ma-
neira que Reclus e Kropotkin,
Metchnikoff simpatiza com
as ideias de Bakunin, notada-
mente sua posição antiautori-
tária e acerca da necessidade
de dissolução do Estado, algo
possibilitado pela tomada de
consciência, mais do que pela
violência *tout court*. Nesse
sentido, Metchnikoff se ali-
nha à leitura de Kropotkin no
tocante ao darwinismo, que
na Rússia foi recebido com
desconfiança pela intelectua-
lidade, que se recusou a levar
às últimas consequências a
seleção natural pela compe-
tição. Diferentemente da Eu-
ropa Ocidental, onde o hege-
lianismo tinha mais força, na
Rússia, o darwinismo chegou
num ambiente profundamente
marcado pela *naturphiloso-
phie*, engajando, por exem-
plo, Mikhail G. “Pavlov [que]
foi um seguidor de Friedrich
Schelling e Lorenz Oken e
[cuj]a influência de sua vaga,

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

mas sugestiva *naturphilosophie* metafísica permeava seus cursos de ciência enquanto ele enxertava a filosofia alemã na árvore da ciência russa” (ROGERS, 1960, p. 375).

Tal influência reforçou a ideia de que existiria uma continuidade entre história natural e social, existindo uma identidade entre matéria e espírito, assim:

[Schelling] apresenta a relação intrincada entre ideia e matéria que se pode observar em qualquer organismo, que tende a se organizar conforme o conceito de si mesmo, e deduz a partir daí tanto a necessidade da relação entre os fenômenos e o espírito quanto a **identidade** entre espírito e matéria – de onde se origina uma relação de continuidade entre o humano e o natural que se refletirá fatalmente na sua concepção da mitologia (PINTO, 2019, p. 388).

A partir desse princípio da identidade, o darwinismo é recebido com entusiasmo dentre os jovens intelectuais na década de 1860, em função da perspectiva de que seu poder explicativo elucidaria a origem das espécies e a evolução da vida em sua totalidade (ROGERS, 1960, p. 383). Obviamente, as interpretações da teoria foram múltiplas, bem como as confrontações com o romantismo alemão. Contudo, um ponto importante dessa corrente é o pressuposto colocado por Johann Gottfried von Herder (1744-1803) de que a evolução não tem um sentido linear (PINTO, 2019, p. 389). Esse é um dos panos de fundo que influencia, a nosso ver, a

geografia de Metchnikoff, sendo importante destacar paralelamente o papel de P. Kropotkin.

É essa recepção *sui generis* do pensamento de Darwin que leva P. Kropotkin a desenvolver sua Teoria do Apoio Mútuo ou da Entreatada, colocando a cooperação como fator fundamental da evolução, incluída aí a espécie humana, na luta pela sobrevivência que envolve, por exemplo, as dificuldades impostas pelo meio geográfico. Kropotkin e Metchnikoff se auxiliaram e sua experiência no Japão teve um papel na elaboração da Teoria da Entreatada, bem como nas indicações que Kropotkin fez acerca da sociedade do futuro (KONISHI, 2013, p. 63-73). Uma evidência do intercâmbio de ambos se mostra ao compararmos os autores debatidos por Kropotkin (1950) em seu livro *O mútuo apoio* e Metchnikoff (1886) em seu artigo teórico *Evolução e Revolução*. Nessas obras, ambos autores citam os mesmos zoólogos para refletirem sobre a dinâmica dos animais. Kropotkin é taxativo ao reafirmar que os interesses coletivos têm o papel de fazer o grupo como um todo evoluir, uma vez que a competição só se torna preponderante seja na natureza, seja na sociedade humana, face à escassez de recursos, o que é uma situação rara. Mesmo diante da crise, dentre os animais, é possível observar mecanismos de esquivas à competição como as migrações sazonais e a hiber-

nação, por exemplo (KROPOTKIN, 1950, p. 68-70). Do ponto de vista teórico, a inspiração de Kropotkin é Karl Fedorovich Kessler, zoólogo que enfatizou o mecanismo da cooperação como elemento fundamental para a vida animal.

O parâmetro universal da cooperação dá força à crítica de Metchnikoff acerca das comparações entre ocidente e oriente: ao contrário do espírito da época, do ponto de vista ontológico, tais sociedades não seriam distintas, pois ambas encontram na cooperação o fundamento de sua sociabilidade e fator de evolução (KONISHI, 2013, p. 70). Isso, contudo, não o impede de ponderar aspectos da diferenciação de seu desenvolvimento histórico e, em alguns casos, reproduzir lugares comuns do imaginário geográfico de sua época.

De volta à Europa, Metchnikoff, simpático ao anarquismo e a geografia, trabalhou com É. Reclus. Ambos tinham orientações políticas e metodológicas próximas e Metchnikoff foi um dos compiladores de informações dos tomos sobre a Ásia para sua Nova Geografia Universal. Ademais, ele trabalhou como seu secretário e assumiu o convite, originalmente feito a Reclus, para trabalhar na Universidade de Neuchâtel, entre 1883 e 1888, enquanto o francês preferiu se concentrar na finalização da *Nova Geografia Universal* (FERRETTI, 2007, p. 126).

Após o retorno do Oriente, Metchnikoff publicou uma obra de fôlego sobre o Japão chamada *L'empire japonais*, de 1881. Sua publicação foi financiada por F. Turretini, um dos maiores entusiastas do orientalismo. Metchnikoff utilizava a empatia cultural como ferramenta de método ao tentar se inserir na civilização estudada, o que, certamente, conferiu grande qualidade aos seus trabalhos (FERRETTI, 2013, p. 6-7), sendo que o uso deste método era recorrente em alguns membros do círculo intelectual de Reclus. Colocando em dúvida a superioridade cultural europeia, a empatia cultural consiste em uma imersão na cultura do outro, vivenciando seus costumes e modo de vida, decerto uma postura que destoava do espírito da época. Em 1888, Metchnikoff falece deixando o manuscrito de *La Civilisation* que é organizado por Reclus.

PRESSUPOSTOS DE MÉTODO

La Civilisation é uma obra póstuma, inacabada e que compartilha vários pressupostos e pontos de vista de É. Reclus e P. Kropotkin. Nesse sentido, Metchnikoff foi um interlocutor privilegiado dessa rede que produziu um conhecimento geográfico com grande repercussão, por exemplo, quando consideramos a *Nouvelle Géographie Universelle* de É. Reclus. *La Civilisation* aspira ser um livro sistemático



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

que divide a evolução humana em três fases: (1) a etapa fluvial, em que os impérios surgem nas margens dos rios; (2) a fase mediterrânea em que os meios e os povos se articulam ao redor de mares fechados, e (3) a fase atlântica em que o mesmo se repete para os mares abertos e em que existe uma tendência de relações em escala global. O livro é organizado em onze capítulos com os seguintes subtítulos: o progresso; o progresso na história; a síntese geográfica da história; as raças; o meio; as grandes divisões da história; o território das civilizações fluviais; o Nilo; o Tigre e o Eufrates; o Indus e o Ganges; e o Hoang-ho e o Yangtse-kiang. Talvez por ser uma obra inacabada, o foco claramente fica na primeira etapa de evolução da humanidade, fato que é reafirmado pela própria tônica do título da obra. Vamos expor seus pressupostos de método e interpretações acerca das posições científicas de sua época.

DARWINISMO E POSITIVISMO

Metchnikoff, assim como seus colegas, adota o darwinismo e a cooperação, como já destacamos. Ele também assume uma postura absolutamente antimalthusiana, lembrando que Kropotkin, por exemplo, afirmou que o raciocínio de T. Malthus, admitindo que a população cresce mais rapidamente que os recursos naturais disponíveis, é abstrato, não considera o meio, o clima, as relações intra e interespecies,

ignorando a cooperação na dinâmica evolutiva (KROPOTKIN, 1950, p. 68-69). Para Metchnikoff (1886, p. 431), a lei de Malthus funciona para os animais, mas não para os seres humanos, que, mesmo no seu estágio mais primitivo de evolução, se organizam para produzir alimentos excedentes.

Metchnikoff incorpora ainda ideias de Lamarck, de que os humanos e animais se adaptam ao meio que vivem, criando uma herança transmitida genética e socialmente. Da mesma forma, sociedade e natureza não são de todo distintas, ou seja, a vida social é vista como uma forma evolucionária muito próxima da natureza (PELLETIER, 2013, p. 284). A teoria da evolução e o transformismo se apresentam como uma síntese de processos orgânicos e inorgânicos, de ações que são mecânicas, físicas e químicas, mesmo que Metchnikoff (1886, p. 428) tenha admitido dificuldade em distinguir o orgânico e o inorgânico, como no caso dos animais mortos, por exemplo.

Acoplada à tomada de posição sobre o darwinismo está sua interpretação sobre o positivismo e a ciência moderna. Da mesma forma que a doutrina de Darwin é aceita com ressalvas, acréscimos e supressões, o mesmo acontece com o sistema de Comte. Em um longo artigo chamado *Evolução e Revolução*, Metchnikoff expõe seus posicionamentos, que se diferem apenas em nuances dos de Reclus e Kropotkin. Metchnikoff (1886, p.

412) indica que a vantagem do Positivismo seria a de propor uma teoria da evolução calcada no progresso das ciências naturais capaz de acabar com o debate entre idealismo e materialismo, pois se propõem leis naturais positivas que demonstram o sentido da evolução. Por mais que exista diversidade no movimento evolutivo, do ponto de vista social seu objetivo final é um só, mas os caminhos para chegar até lá são múltiplos.

O avanço de Comte seria o de destacar o instinto individual de autopreservação e o instinto altruísta, manifesto na atração sexual, como moduladores da dinâmica social e da perpetuação da espécie humana. O resultado disso seria o processo gregário que une os indivíduos comumente para a alimentação e para a defesa. Contudo, o autor critica Comte por isolar a esfera social, pois, como ressaltou H. Spencer, as leis naturais perpassam a sociedade, sendo difícil separá-las do ponto de vista analítico, do mesmo modo que se torna quase impossível, ao se analisar grupos sociais, separar indivíduo e sociedade. Metchnikoff (1886, p. 413-415) busca com isso uma visão de totalidade. Sua proposição não está dissociada de uma avaliação dos usos políticos do darwinismo social:

Eu apenas me esforço para declarar que cada um dos três ramos os quais a sociologia teórica moderna se divide possuem seus próprios programas políticos de acordo com suas premissas filosóficas. Assim, o positivismo fran-

cês está propenso a um tipo de patriarcado erudito, um pouco como um papalismo científico ou o Tribunal Chinês de Cerimônias. A escola da 'luta pela vida' coloca adiante a *Kulturkampf*, seja a Social-Democrata ou a Bismarkiana; enquanto Hebert Spencer revive o velho *laissez faire, laissez passer* de Manchester - *i.e.*, a doutrina da não interferência governamental ou revolucionária (METCHNIKOFF, 1886, p. 425).

Sua crítica também se estende a Cesare Lombroso e, ao fim e ao cabo, busca reafirmar seu método, demonstrar que a ciência não é neutra, além de reafirmar sua tese de que o ápice evolutivo da humanidade é o anarquismo (FERRETTI, 2007). A respeito disso, Metchnikoff (1886, p. 435) tem clareza de que os darwinistas sociais anatemizaram o anarquismo nas universidades, mesmo que uma figura como P.-J. Proudhon fosse simpática ao positivismo e ao desenvolvimento da ciência social (PRÉPOSIET, 2007, p. 200-212).

Suas escolhas metodológicas assumem o meio geográfico como categoria fundamental, o que se torna bastante evidente em *La Civilisation*. A mesologia de Reclus, ou seja, estudo do meio que atualmente caiu em desuso, utilizava uma concepção de dialética inspirada pelo pensamento de Proudhon, que admite pares em um equilíbrio instável, sem que exista a necessidade de uma síntese como um terceiro elemento, ou seja, uma unidade entre contrários (PELLETIER, 2009, p. 33). Dessa forma, a relação entre "homem e



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

meio” estabeleceria uma harmonia mutável, uma sequência de progressos e regressos, que, para ser compreendida, exige, do ponto de vista epistemológico, uma combinação de análises sincrônicas e diacrônicas. Esta dialética serial não é sinônimo da união contraditória hegeliana, pois, para Proudhon, é a alternância de dois elementos contrários o que origina dinâmicas de conflitos e equilíbrios.

Sociedade e natureza, indivíduo e sociedade, tempo e espaço, vida orgânica e vida inorgânica são dicotomias que Metchnikoff ataca do ponto de vista do método, não porque são vistas necessariamente como um óbice, mas porque o autor busca a totalidade, postura que o coloca distante da dita purificação apontada por Latour. Nesse processo, ele não se furta de discutir a teoria sociológica que lhe era contemporânea, muito menos a relação entre sociedade e ciência, tópico central para sua agenda, uma vez que um dos objetivos de Reclus e sua rede “era contribuir ao progresso de uma ciência e de uma educação laica e racional, que era vista, contudo como um instrumento de progresso na evolução do gênero humano em direção à igualdade” (FERRETTI, 2011, p. 235-236).

Ademais, Reclus e sua rede questionavam a divisão do mundo em Oriente próximo, Oriente médio e extremo Oriente, pois o marco geográfico maior de divisão entre Oriente e Ocidente deveria ser a cadeia de montanhas do Ti-

bet e suas redondezas (PELLETIER, 2013, p. 466). Isso porque as sociedades islâmicas do norte da África e da Ásia menor teriam a sua história e cultura ligadas à Europa e ao restante do Ocidente. Isso fica evidente quando notamos as raízes das religiões judaico-cristãs, ou, ainda, a profusão de povos que ocuparam a Europa pré-histórica vindos da Índia e adjacências. A própria cultura grega tomou elementos tanto da Índia como do norte da África para sua constituição.

SOCIEDADE COMO ORGANISMO

Outro elemento importante de sua postura é o organicismo derivado de Spencer e do darwinismo. Metchnikoff (1886, p. 421) defende que o grupo humano funciona como um organismo, porém ele é discreto e não concreto, pois sua sensibilidade está dispersa em seus membros e não concentrada em um só feixe sensorial. Contudo, um dano em sua parte, uma parcela da sociedade, por exemplo, pode comprometer todo o organismo.

Nesse sentido, se observa no pensamento de Metchnikoff uma metáfora biológica entre o conjunto de células que cooperam entre si para formar um tecido orgânico mais complexo e o agrupamento de seres humanos. A explicação biológica se estende para a sociologia, não existindo um parâmetro limítrofe claro entre indivíduo e sociedade, ponto tomado do spen-

cerianismo (WHITE, 1976, p. 398-402).

A visão de que o homem perturba a dinâmica da natureza, atualmente, faz parte do nosso senso comum (PELLETIER, 2013, p. 311), mas é estranha a Reclus e aos anarquistas, que vêem a natureza e a sociedade em uma relação dinâmica que estabelece equilíbrios a cada ocasião durante a evolução. Aliás, tal visão, que é oriunda da *Naturphilophie*, inspirou os percursores da geografia moderna, A. von Humboldt e C. Ritter – este último professor de É. Reclus. Dessa forma, Metchnikoff, Reclus e Kropotkin absorvem, para além do conceito de natureza, vários pressupostos metodológicos de Ritter – veremos a seguir que *La Civilisation* usa seu método comparativo.

Segundo Pelletier (2013, p. 285), o meio para os geógrafos anarquistas não é uma dimensão meramente biogeográfica, mas envolve a sociedade, a cultura do homem que se adapta, bem como a natureza já transformada em função de suas necessidades. Assim, “nem antropocentrismo cego, nem biocentrismo redutor, essa posição propõe uma dialética que tende a um antropocentrismo não arrogante, humilde, mas voluntário” (PELLETIER, 2009, p. 164).

RAÇA E FATALISMO GEGRÁFICO

Metchnikoff, ao recusar o conceito de raça, critica a classificação ratzeliana de povos naturais e culturais, ou, ain-

da, povos com e sem história, optando por uma abordagem humanista em que algumas comunidades sem Estado estariam mais próximas da dinâmica política do anarquismo. Nesse sentido, esses povos são resistentes à criação do Estado ou à subjugação de sua liberdade a uma autoridade arbitrária. Ao longo do prefácio de *La Civilisation*, Reclus (1889, p. XIX-XX) ressalta o desprezo pela ideia de raça como fundamento biológico e, apesar de admitir que existam adaptações em longo prazo, construídas a partir da relação de uma determinada sociedade e seu meio, coloca que elas estariam longe de constituir raças. Esse posicionamento é relevante para a época devido à força do darwinismo social e aos processos tardios de expansão dos impérios europeus. Reclus é taxativo ao condenar o racismo e os excessos da colonização imperialista, defendendo o direito dos nativos de expulsar seus exploradores (FERRETTI, 2013, p. 16). Destaca-se, contudo, que o anarquista vê como positivo o contato entre os povos e a capacidade do trabalho social em melhorar o meio e consequentemente as condições de vida, respeitando-se a liberdade e a autonomia de cada povo.

Tanto para Reclus como para Metchnikoff, além do meio, as relações sociais teriam um peso importante na formação do indivíduo e do grupo social. Metchnikoff usa, por exemplo, o caso do filho do padeiro que adota a profissão paterna devido ao conví-

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

vio no seio familiar, ou seja, as características dos povos ou mesmo das classes sociais seriam transmitidas de forma geracional. O meio natural, todavia, deve compor a equação das múltiplas influências no entendimento da formação social. No mesmo prefácio, Reclus deixa claro que a natureza não dita o sentido da civilização ou de um povo, pois elas são “relações de acomodação que apresentam este povo com os fenômenos da natureza do entorno” (RECLUS, 1889, p. XXII). Sendo assim, ao mesmo tempo em que o homem domina a natureza se moldando às suas limitações e recursos através de um enlaçamento profundo, ele concomitantemente cria uma série de novas necessidades e problemas que antes não existiam.

A recusa da raça é acompanhada da problematização daquilo que Metchnikoff chama de fatalismo geográfico, ou seja, a ideia de que o meio determina a sociedade. Claramente, ele reconhece o papel do meio da evolução social, mas o imperativo da vontade e da liberdade – ideias centrais para o anarquismo – são elementos que se contrapõem ao fatalismo (PELLETIER, 2013, p. 33). Os geógrafos anarquistas buscam as múltiplas determinações ao analisarem o meio geográfico, afirmando em última instância que as configurações geográficas e sociais são frutos da liberdade e da vontade humana em sua multiplicidade e contrariedade. Isso não significa descartar o papel que o meio e a natureza têm em articular

algumas tendências e predisposições para o desenvolvimento humano. Investiga-se, portanto, a evolução do meio como um todo.

O MODELO EVOLUTIVO DO MEIO

Para Metchnikoff, o progresso é um fluxo não linear de avanços e retrocessos que pode, de uma maneira geral, ser analisado por um modelo evolutivo sintético. Assim, *La Civilisation* é a proposta desse modelo que toma como parâmetro essencial a cooperação, gerando agrupamentos e uma sociedade complexa capaz de se apropriar e transformar o meio através do desenvolvimento técnico e, finalmente, se multiplicar em novos agrupamentos alguns deles ainda mais complexos. Evoluções naturais e sociais estão associadas, sendo a sociedade humana uma forma de concretização da organização superior da própria natureza (METCHNIKOFF, 1889, p. 1-27).

Assim como Kropotkin (1950, p. 163), Metchnikoff não acredita em uma origem única da família, muito menos que ela tenha se desenvolvido como uma unidade isolada. A família, considerada a menor unidade social, surge em vários agrupamentos humanos, a partir da convivência, e sua formação, assim como o surgimento da comunal rural, é acompanhada da sedentarização dos grupos humanos, podendo ser observada em vários povos do mundo. Após a família, a comuna surge como

uma dissolução das tribos primitivas com a aglutinação de grupos que têm como base a solidariedade, dando origem aos costumes locais e a certa estabilidade para a existência e reprodução do grupo.

A partir daí, o leitor pode se indagar por que Metchnikoff utiliza o conceito de civilização em seu livro, uma ideia geralmente associada ao império ou à formação de uma cultura imperial. Para Metchnikoff, a formação dos primeiros impérios se dá com o advento do Estado, contudo, do ponto de vista cultural e demográfico, esses grupos se consolidam por um amálgama de povos subjugados voluntaria ou involuntariamente a uma autoridade. Decerto, um processo que proporcionou uma complexificação social, transformações no meio natural e avanços tecnológicos. Assim, a civilização é o aprendizado complexo da ciência, da técnica e do pensamento de diversas sociedades reunidas inicialmente voluntariamente ou pela força coercitiva do Estado (FERRETTI, 2007, p. 130).

Metchnikoff, de forma muito similar a Kropotkin, adota a classificação utilizada por Conrad Malte-Brun (1755-1826) que divide os povos como selvagens, bárbaros e civilizados. Enquanto os primeiros viveriam em um igualitarismo comunitário, dentre os segundos surgiria uma casta capaz de legitimar seu poder político pela formação de uma aristocracia (KROPOTKIN, 1950, p. 98). Tudo indica que

Metchnikoff usa o mesmo parâmetro, ressaltando-se aqui que tais classificações são sempre alvo de críticas, uma vez que tais povos não seriam inferiores do ponto de vista cultural e social. Além disso, em sociedades menores, do ponto de vista demográfico, fica mais nítida a dependência entre os indivíduos, bem como a cooperação como fundamento da sobrevivência.

Surgido o poder estatal, ele é capaz de canalizar de forma coercitiva a cooperação. Tal força proporcionalmente coercitiva e construtora edifica as grandes civilizações nas margens dos grandes rios em meios áridos que impõem condições duras para a reprodução da vida. Seu papel coordenador e construtor fomenta obras hidráulicas criando estruturas capazes de dispor água para a produção agrícola. Claramente, baseado nas ideias proudhonianas, a vontade individual deve superar a vontade coercitiva, galgando caminho para a sociedade anarquista com a dissolução do Estado (METCHNIKOFF, 1889, p. 27). Esse é o fim último do processo evolutivo da humanidade.

Entretanto, Metchnikoff ressalta que em todas as latitudes é possível encontrar os povos anarquistas ou livres, que pertencem mais à etnografia do que à história, e que ocupam os meios privilegiados onde podem obter meios para a sobrevivência mobilizando poucos esforços (METCHNIKOFF, 1889, p. 40). Sejam livres ou submetidos ao Esta-



Revista do Programa de
Pós-Graduação em Geografia e
do Departamento de Geografia
da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

do, esses povos estão postos à prova pelo meio que os diferencia ao adaptar e estimular determinadas características importantes para sua sobrevivência. O meio direciona a variação orgânica e as aquisições são transmitidas pela herança genética (TUATHAIL, 1996, p. 22).

Metchnikoff (1889, p. 70) ressalta a ideia de Ratzel de que através da migração existe a transmissão de costumes e técnicas humanas para outros meios, porém, a transmissão não seria exclusivamente fruto da dominação de um povo por outro. Mais do que a imposição, Metchnikoff enfatiza a transmissão, a assimilação e a mistura dos hábitos como a melhor fórmula para a adaptabilidade ao meio. Nesse sentido, ele demonstra como o Egito, um dos principais berços civilizacionais, seria multiétnico e multicultural. Em suma, a hereditariedade é forjada a partir do convívio social e da adaptabilidade ao meio, sendo esta, inclusive, responsável em alguns casos pelas “variedades humanas”, mas não por novas raças (METCHNIKOFF, 1889, p. 105).

A TOPOLOGIA DOS POVOS HISTÓRICOS

Esclarecidas as posturas de método adotadas por nosso autor, cabe agora aprofundar melhor no argumento central de seu livro. Para Metchnikoff, a própria distribuição desigual das civilizações no globo seria um motivo de investigação geográfica, demonstrando que o meio muda e é transformado

pela ação humana. Remontando à história antiga, a importância dos grandes rios para a edificação de civilizações se dá após um ressecamento do clima mundial ao fim da última glaciação, o que causa uma grande migração humana e incentiva a sedentarização nas margens fluviais, notadamente, no Egito, na Índia, na Mesopotâmia e na China. A água perene garante a agricultura e, posteriormente, a irrigação com abundância de alimentos que impulsionam o crescimento demográfico, o desenvolvimento urbano e a complexificação da cultura (PELLETIER, 2013, p. 318; WHITE, 1976, p. 406). Os rios só podem ser transformados por grande quantidade de trabalho humano ao mesmo tempo em que a complexificação social só pode advir de expressivas densidades demográficas. Nas palavras do autor:

Por outro lado, nós vemos regiões geográficas - e.g., o Baixo Vale do Nilo, ou o do Yang-tze-Kiang e o Hoang-ho - onde as condições físicas requerem de seus habitantes muito mais cooperação do que eles eram capazes de oferecer livremente e conscientemente em seu estado de civilização; e, de fato, esses países têm sempre sido, e ainda são, clássicos por seus despotismos, ou político, ou de casta, ou qualquer outro que possa ser (METCHNIKOFF, 1886, p. 435).

A partir dessa ideia básica, Metchnikoff ilustra a evolução histórica a partir de um conteúdo empírico. Munido de uma visão política anarquista e de sua tentativa permanente de imergir na cultura do outro – empatia cultural –, como se vê, o autor não deixa de utilizar a

categoria despotismo para caracterizar as sociedades antigas, ou, ainda, aquelas em que a cooperação ocorre de maneira coercitiva. Para além da história antiga, o império romano, o reinado de Luís XI na França, o de Ivan, o terrível, na Rússia, são todos compreendidos como períodos de despotismo em que a base da cooperação social não é a espontânea vontade dos indivíduos, mas um Estado centralizador que, através da sua autoridade e violência, tenta direcionar o sentido evolutivo do grupo (METCHNIKOFF, 1889, p. 43-44).

De volta aos primórdios da civilização, os primeiros impérios do mundo Antigo são agrupamentos humanos baseados na coerção cujo líder representa uma força divina, símbolo vivo da “fatalidade cósmica” (METCHNIKOFF, 1889, p. 51-52). Nota-se, então, uma relação íntima entre poder temporal e espiritual, este último justificando simbólica e culturalmente o exercício do poder de um soberano. Ao comparar os quatro impérios antigos que transmitem seu legado para sociedades futuras, Metchnikoff recorre ao método comparativo de Ritter observando a similaridade de suas situações geográficas. Seu juízo é claro: o Nilo é a coluna vertebral do Egito, assim como o Tigre e o Eufrates da Mesopotâmia, o rio Ganges da Índia, e os rios Amarelo, Azul e das Pérolas da China. Também de Ritter, Metchnikoff admite que os grandes corpos hídricos tenham a propriedade

de conectar os meios e os grupos, ou seja, a rede de rios oferece comunicação e transporte da escala local à totalidade do planeta. A partir da metáfora orgânica pode-se pensar que os rios são as veias do organismo planetário. Para além disso, de acordo com Ferretti, Metchnikoff assim como Reclus admite um “[...] caminho da história de leste para oeste, pelo qual se confirma a ideia de um povoamento que escorre como rio em direção ao mar partindo do altiplano asiático” (FERRETTI, 2007, p. 79). As quatro primeiras civilizações seriam transbordamentos da Ásia central, que se seguiram para mares fechados e finalmente para o oceano aberto.

Dessa forma, a coordenação dos trabalhos dá origem a uma divisão do trabalho complexa, pois, “passo a passo uma divisão fisiológica do trabalho, com sua consequência natural, subordinação, começa a ser observável com indivíduos que estão conectados por meros laços físicos” (METCHNIKOFF, 1886, p. 433 – grifos no original), sendo que a subordinação oriunda desse estágio superior de organização imprime no meio uma marca morfológica oriunda da construção de monumentos, cidades e extensas explorações agrícolas. Paralelamente, Metchnikoff (1889, p. 118-125) defende a ideia de que a decadência histórica dos povos da antiguidade foi potencializada por uma modificação climática ocasionada por mudanças no movimento da translação terrestre. Para o autor, tais ci-



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

vilizações já advinham de um processo de enfraquecimento, que foi acelerado por essa transformação do meio geográfico.

Entretanto, o próximo estágio da evolução humana é o consenso voluntário, ou seja, a ciência da cooperação entre os indivíduos, passo que encaminha para uma consciência individual cada vez maior e, portanto, uma clareza da necessidade da solidariedade. A incompatibilidade entre o Estado e o contrato social estabelecido entre indivíduos livres e iguais remete ao pensamento político de Proudhon, que critica o contratualismo de Rousseau, mas defende contratos concretos, estabelecidos entre iguais, sem a necessidade de um soberano que tolha sua liberdade natural (PRÉPOSIET, 2007, p. 203). Daí seu elogio à autoorganização e ao federalismo, que é visto como reflexo da expansão da consciência individual e social e, portanto, uma emancipação do despotismo que deu origem às civilizações.

EVOLUÇÃO E CARACTERÍSTICAS DAS CIVILIZAÇÕES ANTIGAS

É um fato notório que as quatro grandes civilizações da antiguidade no Egito, Babilônia, Índia e China tenham todas se desenvolvido nas margens de grandes rios. A primeira delas, a egípcia, surgiu lentamente se adaptando pouco a pouco em um ambiente que se transformou pela ação do homem (METCHNI-

KOFF, 1889, p.142). Todas essas grandes civilizações iniciais se constituem de maneira isoladas e abrem caminho para a próxima etapa da evolução humana, a fase mediterrânea, ou seja, o desenvolvimento da história não mais na margem dos rios ao redor de apenas um império, mas em torno de um mar fechado que dispõe uma série de outros povos. Metchnikoff contrapõe o Egito aos Fenícios como inauguradores da fase mediterrânea, pois tal povo era cosmopolita aberto ao comércio e às transmissões técnicas e culturais. Dessa forma, os impérios extravazam seu crescimento em um mar fechado, porém a China, diferentemente, não desdobra seu desenvolvimento para o mar, pois ela permanece atrelada às suas três grandes bacias fluviais – a do rio Amarelo, a do Azul e a do rio das Pérolas. Tal império é uma exceção ao esquema das civilizações fluviais, porque possui características especiais.

Um aspecto em comum, partilhado por todas as sociedades fluviais, é uma nítida divisão do trabalho entre a classe governante parasitária e os trabalhadores. A casta superior concebe monumentos, observa os astros, dirige as operações militares e realiza especulações filosóficas e teológicas, enquanto a massa dos trabalhadores erige a civilização (METCHNIKOFF, 1889, p. 320). Todas as contribuições desses povos tiveram um valor universal, ou seja, foram transmitidos no decorrer da história e nas quatro grandes monar-

quias do mundo Antigo encontramos o trabalho de corveia imposto à maioria. Mesmo que dê importância à condição orográfica dos grandes rios, que induz ao desenvolvimento ao redor da planície fluvial, Metchnikoff se distancia do que ele chama de “fatalismo potâmico”, uma vez que esse é apenas um desenvolvimento histórico possível, que pode ou não ocorrer. Ao se comparar as quatro grandes civilizações potâmicas é possível averiguar que elas têm características sociais e condições geográficas similares (METCHNIKOFF, 1889, p. 364).

Nota-se que Metchnikoff atribui um sentido teleológico à história baseado na consciência da igualdade e da liberdade, fato que não se apresenta dissociado de uma dinâmica de disposição e circulação geográfica das civilizações. Assim, além da movimentação em um sentido leste-oeste, os primeiros centros civilizacionais teriam sua origem nos trópicos, como vimos. Das primeiras civilizações, algumas se expandem latitudinalmente – como a China –, permanecendo grosso modo no mesmo clima e outras se difundem em sentido longitudinal. O movimento que deu origem à Europa sai da zona tropical do Egito/Babilônia e se move para as zonas subtropicais do mediterrâneo na Grécia e em Roma, para, posteriormente, se encaminhar para o norte temperado na França e na Espanha e, posteriormente, Londres, Berlim e Rússia. Os centros sociais mais dinâmicos

têm sua ocorrência na história, seguindo um fluxo espacial que vai do sul para o norte no caso do hemisfério boreal.

A Rússia seria uma exceção de país dinâmico historicamente, pois sua fronteira se moveu em sentido latitudinal, porém, todas as civilizações dinâmicas caminharam em sentido longitudinal. Assim, as civilizações estacionárias se manteriam no sentido leste-oeste, geralmente seguindo o fluxo dos grandes rios, não se expondo às diversidades climáticas e, portanto, permanecendo no clima tropical ou no equatorial (METCHNIKOFF, 1889, p. 58-59). Isso explicaria a estagnação das civilizações do Oriente, que na época de Metchnikoff eram vistas pelo Ocidente como estacionárias. Apesar desse esquema, que o leitor de hoje pode admirar com estranheza, Metchnikoff, ao contrário de seus contemporâneos, enfatizou a herança cultural que a Europa recebeu do Oriente, admitindo que a estagnação poderia ser relativa, como ele constatou ao analisar a China.

O PERÍODO MEDITERRÂNICCO E ATLÂNTICO

Após essa primeira etapa vinculada ao cultivo na beira dos rios em meios cujos recursos hídricos do entorno são escassos, gerando a fundação das primeiras cidades e a criação de uma casta parasitária responsável pela coordenação geral dos trabalhos, surge uma nova etapa marcada pela ocorrência entre as oligarquias,



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

caracterizada pelo feudalismo. Tal período tem seu ápice na Idade Média e no Renascimento e se estende até a Revolução Francesa, períodos em que o poder político nem sempre está concentrado nas mãos do monarca ou dos aristocratas.

Kropotkin, por exemplo, tem uma visão positiva do medievo ao defender que o burgo é a evolução da comuna rural. Tal transformação se dá pela união da mentalidade da comuna às corporações de profissionais, que conseguem edificar cidades livres da repressão do poder dos senhores feudais e do monarca através da formação de federações para a defesa da liberdade e tendo como base a cooperação (KROPOTKIN, 1950, p. 146-147). É nesse ambiente de liberdade e oposição ao papado, ao imperialismo e ao feudalismo que se observa um enorme avanço das artes, da ciência e do artesanato. Para Kropotkin (1950, p. 163), a partir de uma organização federativa surgem várias ligas comerciais, sendo a mais famosa a Liga Hanseática. Do ponto de vista histórico, tais avanços vão sendo disciplinados, expropriados e controlados pelo Estado, pela centralização política ou ainda por agentes políticos que anseiam impor, muitas vezes de forma autoritária, sua vontade em detrimento da liberdade do grupo. Isso não impede que Kropotkin veja esse período como pleno de avanços culturais e materiais. Tais interpretações são compatíveis com a caracterização que Metchnikoff faz do período Mediter-

râneo, em que um mar fechado integra povos, permite a ascensão de rotas comerciais ampliadas e permite o surgimento de grupos cooperativos e independentes do poder estatal.

O elogio de Kropotkin à cidade do medievo e à do Renascimento inspira seus sucessores, por exemplo, P. Geddes, uma vez que Kropotkin exalta o planejamento e embelezamento da cidade como efeito da tomada de consciência do pertencimento comum ao espaço público urbano. A divisão das famílias burguesas, o apelo ao cesaropapismo e a autocracia foram elementos que a seu ver permitiram a centralização política e a feudalização das cidades, que passam a se opor ao campo, resultando em guerras contra os camponeses. Para o anarquista, o controle monárquico das corporações paralisa seu avanço e dinamismo, processo mais facilmente observável nas cidades régias como Moscou, Paris e Westminster. Assiste-se então ao triunfo da retomada da ideia do Império Romano, a dissolução do poder militar das cidades independentes, o monopólio de uma igreja oficial, a subordinação das corporações ao Estado e a intolerância à organização de grupos políticos (KROPOTKIN, 1950, p. 170). Contudo, o apoio mútuo persiste no campo e na cidade dentre as tradições da cultura popular. Assim, para Kropotkin (1950, p. 224), o despotismo se impõe onde o princípio da cooperação está em decadência e estagnação

como na teocracia dos Estados do Oriente (incluindo aí as civilizações dos grandes rios) ou na fase terminal do Império Romano.

Os avanços do período Mediterrâneo de Metchnikoff se relacionam com o fortalecimento desses grupos sociais de livre vontade que são ora independentes, ora submetidos ao Estado. Surge então um conjunto de relações políticas, econômicas e culturais entre povos ao redor do mar Mediterrâneo, um corpo d'água que confere facilidade de transporte e comunicação. Apesar de classificar a segunda fase de seu modelo de Mediterrânea, isso não é um eurocentrismo, pois seu objetivo é descrever um mar fechado ou ainda lagos (Grandes Lagos nos EUA), um conjunto denso de rios (bacia do Amazonas ou o Tigre e o Eufrates transformados pelo trabalho humano) ou um golfo (Mar do Japão ou o Mar Amarelo) que facilite o trânsito regional (FERRETTI, 2007, p. 80). O que dota tais mares fechados de importância é sua capacidade de articular espaços e se constituir como uma centralidade.

Finalmente, Metchnikoff indica ainda uma terceira fase evolutiva, em que se destaca a tomada de consciência em função dos princípios da Revolução Francesa, que têm a fraternidade como um de seus motes. Paralelamente, os avanços técnicos permitem a consolidação de relações intensas no Oceano Atlântico, projetando a humanidade em uma nova fase. Metchniko-

ff (1889, p. 127-128), assim como Reclus, explica o sucesso da civilização europeia em função de seu solo rico, do clima variado e de sua posição geográfica privilegiada. Lembremos, porém, que o meio é apenas um elemento e que não existe uma defesa do fatalismo geográfico, pois tais fatores não são invariáveis na história, ou seja, eles têm um valor relativo dentro de cada situação (METCHNIKOFF, 1889, p. 129). Contudo, de fato, é a civilização europeia que se lança no Atlântico e constituiu rotas marítimas de longo alcance para a América e para a Ásia a partir de novos avanços técnicos, possibilitando uma integração global das sociedades humanas.

Portanto, além das três fases da cooperação social, coerção simples, oligarquia feudal e sociedade orientada pelos princípios da Revolução Francesa, existiriam três meios geográficos que teriam um caráter universal e estariam dispostos no decorrer da história humana, o meio fluvial, que se expande em uma dinâmica de circulação de mar fechado para, finalmente, projetar-se nos oceanos (METCHNIKOFF, 1889, p. 156).

Sua abordagem deu especial enfoque ao Atlântico e redes de fluxos que se adensaram a partir das grandes navegações, contudo, Metchnikoff (1889) anteviu uma tendência de complexificação dos fluxos no Pacífico. Leituras contemporâneas, como de Arrighi (2008), têm confirmado essa ideia, na medida em que o Pa-



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

cífico vem ocupando um papel cada vez mais importante nas relações comerciais. Como observa Ferretti (2007, p. 122), Metchnikoff, ao retornar do Japão, em 1876, notou a construção do Canal do Panamá como um passo importante nesse processo, possibilitando uma aproximação entre China e Europa.

Da concepção de uma transmissão da evolução de leste para oeste se deduz facilmente o quadro de decadência da Europa substituída pela América, receptora dos progressos civilizacionais europeus, sem que se encontrem ali os óbices de antigas tradições institucionais. Sinteticamente:

O mais recente período moderno, o Período Oceânico, começa com a declaração dos direitos humanos e cidadãos. Mechnikov dividiu o Período Oceânico em dois segmentos: a Era Atlântica, que se estendeu da abertura da América ao início da corrida do ouro na Costa Pacífica Americana e a colonização russa da sua região oriental, e uma última época Global. Este foi o período de maior cooperação humana e anarquia, dado o ímpeto das interações no Pacífico no final do século dezanove e o surgimento do internacionalismo entre as pessoas em um nível não estatal (KONISHI, 2013, p. 69).

Sem sombra de dúvidas, se no período mediterrâneo existem grupos humanos interdependentes com uma maior divisão do trabalho, na fase atlântica a relação entre os grupos sociais é marcada pela liberdade de associação e a ausência de controles coercitivos, ou seja, uma tendência cada vez mais clara da con-

solidação do anarquismo e do enfraquecimento do papel do Estado em direcionar a sociedade (WHITE, 1976, p. 404). Tal visão não seria contrária às esperanças anarquistas de estabelecer colônias no Novo Mundo, lugar que disporia de uma herança história e política distinta, sem o peso histórico do Velho Mundo. Não por acaso, Metchnikoff encerra *La Civilisation* abordando as perspectivas na América, o seu isolamento geográfico em relação aos outros continentes e a necessidade do homem em cooperar para sobreviver, mesmo que a “linguagem” do meio natural americano ainda estivesse por ser decifrada (METCHNIKOFF, 1889, p. 365).

A EXCEÇÃO CHINESA

Exposto o modelo geográfico-histórico em toda a sua amplitude, Metchnikoff (1889) deixa claro que seu modelo de análise é a tendência histórica, mas nunca a regra exclusiva. Para a antiguidade, como dissemos, a figura do déspota aparece como central para o funcionamento da sociedade e o rio serve como uma grande síntese do meio geográfico que o agrupamento ocupa.

No entanto, ao expor o funcionamento e a natureza das sociedades fluviais, a China se apresenta como uma espécie de exceção se comparada às outras. Em primeiro lugar, ela é a única que se baseia em três bacias fluviais. Ademais, sua situação geográfica é de relativo isolamento, uma vez

que o Tibet, o deserto de Gobi e a Sibéria podem dificultar contatos mais longínquos. A China se destaca pela conectividade de sua rede hidrográfica que comporia uma unidade geográfica onde os eventos históricos mais importantes ocorreram.

Nesse sentido, Metchnikoff (1889, p. 321) tem clareza de que cerca de um terço da humanidade se encontra sob domínio do império chinês, relativizando sua estagnação por acreditar que essa sociedade passou por transformações significativas. Nesse contexto, o próprio confucionismo surge como uma doutrina humanista que conseguiu aos poucos enfraquecer o despotismo e dar voz à massa da população no que diz respeito ao direito de um bom governo. Essa doutrina marca o abandono do “despotismo faraônico” e inaugura um período de nova ordem social “democrática” (METCHNIKOFF, 1889, p. 333-335), já que Mêncio, discípulo de Confúcio, por exemplo, valorizava as revoltas populares no caso de um mau governo. O povo constitui o bem mais precioso da nação, uma concepção que contrasta com o desprezo do déspota pelo seu povo, sendo este visto como mero recurso subordinado à vontade do governante. Para Metchnikoff (1889), os chineses chegaram a uma fase que nenhuma outra “monarquia fluvial” atingiu, daí sua especificidade, uma vez que Confúcio teria equilibrado a ordem social que “(...) era o produto brutal do meio” (METCHNIKOFF, 1889, p.

342). Ademais, ele teria associado o imposto territorial à renda da terra, acabado com os privilégios feudais, além de ter incluído na hierarquia social os sábios, o que possibilitou que todos os cidadãos concorressem a cargos públicos.

Metchnikoff (1889, p. 363), no entanto, denuncia a visão falaciosa sobre a estagnação chinesa e destaca que assegurar o poder nas três bacias hidrográficas dispostas em latitudes diferentes causou um desenvolvimento mais lento, com vários recomeços e contradições históricas. Para Reclus, existiriam ainda outros elementos que explicam o desenvolvimento lento da China: (1) a imensidão do Pacífico inibiria um impulso de conquista dos mares ou incentivaria os exploradores a navegar em círculos; (2) os eixos de desenvolvimento do oriente têm um sentido centrífugo com longos rios que não se encontram, o que ocasiona a dificuldade de forjar unidades políticas estáveis, mesmo que existam exceções, como a bacia do rio Amarelo, e (3) ao contrário da Europa, em que todos os povos tendem a convergir para um ponto central, ou seja, o mediterrâneo, na Ásia temos a ausência de uma centralidade geográfica com a presença de muitas barreiras de separação (PELLETIER, 2013, p. 466). Dessa forma, a situação geográfica é um dos motivos para o atraso, mesmo que ela esteja ligada invariavelmente às condições naturais da Ásia.

Na *Nova Geografia Univer-*

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

sal, Reclus questiona a estagnação chinesa devido à evolução de sua estrutura agrária, que se modificou no curso da história, porém, ao comentar sobre uma revolução popular na China, o geógrafo anarquista aponta que em pouco tempo a vontade das massas se esmaeceu e produziu uma casta burocrática que controla o solo e o povo (FERRETTI, 2013, p. 14). Em contrapartida, da mesma forma que Metchnikoff, Reclus concorda que, na China, a religião oficial se enfraquece progressivamente. Ainda em 1900, Reclus escreve um texto sobre a posição chinesa e a diplomacia europeia, em que condena o processo de partilha territorial por várias potências estrangeiras. Ao mesmo tempo, continuando sua tradição de usar o método comparativo, do ponto de vista dos progressos sociais, Reclus compara a revolução de Taiping aos acontecimentos revolucionários de 1848 na Europa e, curiosamente, diz que o rebaixamento dos salários da China não poderia de nenhuma maneira impactar a indústria europeia (RECLUS, 1900, p. 15). Certamente, Reclus não previu a posição da China no século XXI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reclus foi capaz de organizar uma verdadeira orquestra de intelectuais e colaboradores que possibilitaram a publicação de sua *Nova Geografia Universal* e, nesse contexto, Metchnikoff teve um papel fundamental ao colaborar com

a consolidação de seu método e sua agenda de pesquisa. Como ressalta Bourdieu (2001), o adjetivo “novo”, quando usado em um determinado campo científico, pretende uma ruptura ou inovação na forma de se fazer ciência, contudo, a “novidade” para ser reconhecida pelos pares deve estar fortemente calcada nas tradições já consolidadas no campo. O caso de Reclus não é diferente, uma vez que sua geografia está fundamentada nos métodos de C. Ritter, Malte-Brun e na *naturphilosophie* que embasou a geografia moderna.

Com Metchnikoff sendo um integrante dessa rede não poderia ser diferente; aliás, ao analisar *La Civilisation*, cremos ter deixado claro o compartilhamento de um *habitus* em comum entre Kropotkin, Reclus e Metchnikoff. Todos eles têm suas origens entre as classes sociais médias e altas, engajando-se em lutas revolucionárias e participando da vida política como militantes anarquistas. Vimos os elementos comuns de método e suas opções diante dos debates científicos de sua época: crítica ao malthusianismo, ao darwinismo social, o tributo a C. Ritter, a instrumentalização da ideia de meio, uma leitura positiva do medievo, a indisociabilidade entre natureza e sociedade ou entre tempo e espaço, apenas mencionando os elementos mais relevantes.

A partir desse *habitus*, Reclus e seus colaboradores mais próximos conseguem ocupar um espaço no campo da geografia: apesar de Metchnikoff

e Reclus se tornarem professores universitários apenas no final de suas vidas, ambos – bem como Kropotkin – foram reconhecidos amplamente por suas contribuições para o *campo* da geografia, sendo condecorados e ocupando espaço institucional em diversas sociedades geográficas ao redor do mundo, além de terem logrado a publicação de dezenas de livros e artigos. Reclus poderia ser criticado ou ignorado, mas havia um grande reconhecimento de seus pares no campo da geografia – e fora dele – em função de sua obra.

Outro componente do *habitus* dos três geógrafos é uma estratégia de publicações em vários idiomas, em períodos científicos do campo da geografia, além de publicações em revistas de renome que discutiam vários temas científicos e literários, como a *Contemporary Review*, em que Metchnikoff divulga, em inglês, seu principal ensaio teórico “Evolução e revolução”. Sem sombra de dúvidas, Reclus, dotado de enorme capital cultural, chancela *La Civilisation* ao organizar, prefaciá-la e fomentar sua publicação pela Hachette, editora conhecida por ter lançado sua obra. Não obstante, cabe ressaltar, como Ferretti (2007; 2011), que o projeto político do grupo não está dissociado do científico, ou seja, outra componente do *habitus* desse grupo foi a continuidade da militância e a publicação de textos em revistas anarquistas para a defesa de seus pontos de vista políticos. Fica claro, a partir da análise de *La Civilisation* que o epi-

teto da humanidade é o anarquismo e a dissolução do Estado, que só se realizará a partir de um despertar generalizado das consciências individuais.

Metchnikoff, contudo, teve luz própria, ainda que menor, pois sua trajetória foi reconhecida dentro e fora da geografia, como demonstrado acima. Olhando em perspectiva, é justamente o *habitus* que permite que Metchnikoff faça uma geografia anti-imperialista no ápice da era dos Impérios. Sua perspectiva permite questionar os lugares comuns da dominação social das potências europeias, indagando as categorias teóricas de geografias utilitaristas que justificavam e impulsionavam o colonialismo – por exemplo, F. Ratzel. Isso se evidencia pela crítica ao conceito de raça, ao darwinismo social, por meio da defesa da cooperação como fundamento social e, sobretudo, por um questionamento da estagnação e do despotismo oriental. Mesmo que em algumas passagens Metchnikoff acabe reproduzindo o senso comum da época, é evidente seu questionamento de que os povos do oriente tendem fatalmente à imutabilidade histórica e ao despotismo – afirmação que frequentemente se embasava no determinismo ambiental. Assim, nosso autor identifica e expõe a dominação social e simbólica de seu tempo, atacando análises que tinham um fundo ideológico de chancelamento do imperialismo. A empatia cultural permite Metchnikoff e Reclus questionarem vários lugares comuns à visão do Oriente de

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

5. *Uma eventual invasão
militar e demográfica da
China ao ocidente.*

sua época, o que, ao mesmo tempo, não impede que alguns sentidos comuns sobre a China sejam reproduzidos, justificados, mas contraditoriamente problematizados. Os geógrafos anarquistas, por exemplo, se opunham ferozmente à ideia do perigo amarelo⁵, em voga no *fin de siècle*.

Além disso, como destacou Plekhânov (1891), *La Civilisation* remete diretamente à filosofia da história uma preocupação que seguramente remonta ao legado de Ritter, que defendia uma inseparabilidade entre geografia e história, além do escrutínio teleológico da humanidade e das nações (CAPPEL, 1981). A partir de uma filosofia da história que remete ao concreto pensado, ou seja, munido da compreensão das leis naturais do universo – a inevitabilidade da evolução da natureza-sociedade – Metchnikoff cria um modelo a partir de seu conteúdo empírico, da análise do passado e do presente, projetando-se para as tendências futuras.

Além disso, Metchnikoff pauta a evolução histórica da humanidade como uma tensão entre a centralização do poder político e a livre cooperação, enfocando na consciência da liberdade individual e social. Um processo tortuoso e dialético que conduz a humanidade para um estágio de cooperação livre e consciente. Nas palavras do autor: “Falando antropomorficamente, podemos dizer que a evolução tem uma meta, que essa meta é o progresso, e que a Natureza a atinge segura e praticamente sem se importar com isso

conscientemente e intencionalmente” (METCHNIKOFF, 1886, p. 436). Assim, seu modelo não se contenta apenas em elucidar o passado, indicando uma concepção de sociedade futura.

Como tentamos demonstrar, a geografia de Metchnikoff é indissociável da de Reclus e Kropotkin, sendo que esses geógrafos anarquistas ocuparam um espaço importante no campo da geografia no final do século XIX e que será reivindicada como tradição disciplinar pela geografia crítica a partir da década de 1970. Mesmo que Metchnikoff não tenha sido incorporado como um cânone do campo da geografia, como foi Reclus, não se pode ignorar o impacto de sua obra que influenciou indiretamente o pensamento do geógrafo K. A. Wittfogel e teve grande repercussão na Rússia às vésperas da revolução, quando existia uma ânsia de se interpretar o passado para se repensar o futuro.

Por fim, Metchnikoff oferece um modelo construído sobre uma larga investigação histórica que remete à evolução da sociedade e da natureza e à articulação técnica dos meios. Trata-se de uma geografia fora da órbita do imperialismo econômico e cultural vigente na época; uma teoria desinteressada em justificar a dominação social, mas preocupada em superá-la ao defender a liberdade, a igualdade e a fraternidade como o destino incontornável da sociedade humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANUCHIN, V. A. *Theoretical problems of geography*. Columbus: Ohio State University Press, 1977.

ARRIGHI, G. *Adam Smith em Pequim*. São Paulo: Boitempo, 2008.

BERDOULAY, V. *A abordagem contextual*. In: Espaço e Cultura, n. 16, p. 47-56, 2003.

BOURDIEU, P. *Science de la science et réflexivité*. Paris: Éditions Raison d'agir, 2001.

CAPEL, H. *Filosofia y ciencia en la geografía contemporánea*. Barcelona: Barcanova, 1981.

FERRETTI, F. *De l'empathie en géographie et d'un réseau de géographes: la Chine vue par Leon Metchnikoff*, Élisée Reclus et François Turretini. In: Cybergeog, documento 660, DOI: 10.400/cybergeog.261277, 2013.

_____, F. *Anarchici ed editori*. Milão: Zero in condotta, 2011.

_____, F. *Il mondo senza mappa*. Milão: Zero in condotta, 2007.

KRAUSZ, T. *Reconstruindo Lênin – uma biografia intelectual*. São Paulo: Boitempo, 2017.

KONISHI, S. *Anarchist modernity*. Londres: Harvard University Press, 2013.

KROPOTKIN, P. *Il mutuo appoggio – fattore dell'evoluzione*. Bolonha: Libreria internazionale di avanguardia, 1950.

LATOUR, B. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34, 1994.

METCHNIKOFF, L. *La civilisation et les grands fleuves historiques*. Paris: Librairie Hachette et cie., 1889.

_____, Léon. *Evolution and Revolution*. In: Contemporary Review, v. 50, p. 412-437, 1886.

PINTO, P. A. *O modelo heurístico orgânico na obra de F. W. J. Schelling e sua recepção na Rússia do início do século XX*. In Pandaemonium, São Paulo, v. 22, n. 37, p. 377-400, 2019.

PELLETIER, P. *Géographie & anarchie*. Mayenne: Éditions du monde libertaire & Éditions Libertaires, 2013.

_____, P. *Élisée Reclus: géographie et anarchie*. Paris: Les Éditions du monde libertaire, 2009.

PLEKHÂNOV, G. V. Л. И. *Мечников (Некролог)*. In: Сочинения. Moscou / Petrogrado: Государственное Издательство, 1923 [1888].



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2021
ISSN 2175-3709

_____, G. V. *Die zivilisation und die grossen historischen Flüsse*. In: *Die Neue Zeit*,

n. 14, p. 437-488, 1891.

PRÉPOSIET, J. *História do anarquismo*. Lisboa: Edições 70, 2007.

RECLUS, E. *La Chine et la diplomatie européenne*. Paris: Éditions de l'Humanité Nouvelle, 1900.

_____, E. *Preface*. In: METCHNIKOFF, Léon. *La civilisation et les grands fleuves historiques*. Paris: Librairie Hachette et cie., 1889.

ROGERS, J. A. *Charles Darwin and Russian Scientists*. In: *The Russian Review*, v. 10, n. 4, p. 371-383, 1960.

SAWER, M. *Marxism and the question of Asiatic mode of production*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1977.

TUATHAIL, G. Ó. *Critical geopolitics*. Minneapolis: University of Minnesota Press,

1996.

WITTFOGEL, K. A. *Oriental Despotism*. Nova York: Vintage Books, 1981.

WHATMORE, S. *Hybrid Geographies*. Londres: Sage, 2002.

WHITE, J. D. *Despotism and anarchy: the sociological thought of L. I. Metchnikoff*. In: *The Slavonic and east European review*, v. 54, n. 3, p. 395-411, 1976.